

UM BRINDE À INCOMUNICAÇÃO

- *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*, Luís Mauro Sá Martino
- *A produção social da loucura*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, Lucia Santaella
- *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*, Lucia Santaella
- *O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, Lucia Santaella
- *A realidade dos meios de comunicação*, Niklas Luhmann
- *É preciso salvar a comunicação*, Dominique Wolton
- *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*, José Marques de Melo
- *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, Lucia Santaella
- *Comunicação e democracia: problemas & perspectivas*, Wilson Gomes; Rousiley Celi Moreira Maia
- *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*, André Lemos; Pierre Lévy
- *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade e ubiquidade*, Lucia Santaella
- *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*, Lucia Santaella; Renata Lemos
- *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Tomo I – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*, Luís Mauro Sá Martino
- *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica – Tomo V – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea – Tomo II – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: o círculo cibernético: o observador e a subjetividade – Tomo III – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação – Tomo IV – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*, Lucia Santaella
- *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. Nova teoria da comunicação, vol. I*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Teoria e metodologia da comunicação: tendências para o século XXI*, José Marques de Melo (eBook)
- *Comunicação, mediações, interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara (eBook)
- *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências*, Jacques A. Wainberg (eBook)
- *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*, Lucia Santaella
- *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*, Luís Mauro Sá Martino
- *Cultura, comunicação e espetáculo*, Cláudio Novaes Pinto Coelho; Valdir José de Castro (eBook)
- *Net-ativismo. Da ação social para o ato conectivo*, Massimo Di Felice
- *Redes e ecologias comunicativas indígenas*, Massimo Di Felice; Eliete S. Pereira (orgs.)
- *A comunicação que não vemos*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Comunicologia ou mediologia? A função de um campo científico da comunicação*, Ciro Marcondes Filho
- *A carta, o abismo, o beijo. Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático*, Norval Baitello Junior
- *Mídia e lutas por reconhecimento*, Rousiley C. M. Maia
- *Cidade, entre mediações e interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Teorias da comunicação hoje*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Transformações da política na era da comunicação de massa*, Wilson Gomes (eBook)
- *Uma foto vale mais que mil palavras; Alexandre Huady Torres Guimarães, Fred Izumi Utsunomiya, Ronaldo de Oliveira Batista* (eBook)
- *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*, Lucia Santaella
- *Um brinde à incomunicação: reflexões a partir da Europa*, Dominique Wolton

UM BRINDE À INCOMUNICAÇÃO
Reflexões a partir da Europa

Dominique Wolton

Tradução: Roberto Chiachiri



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Vive l'incommunication – La victoire de l'Europe*
© Editions François Bourin, 2020. All rights reserved.

Direção editorial: Sílvio Ribas
Gerente de design: Danilo Alves Lima
Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme
Preparação do original: Cícera Gabriela Sousa Martins
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wolton, Dominique
Um brinde à incomunicação: reflexões a partir da Europa /
Dominique Wolton. Tradução: Roberto Chiachiri. – São Paulo: Paulus, 2022.
Coleção Comunicação.

Bibliografia
ISBN 978-65-5562-653-7

1. Comunicação - Aspectos políticos I. Título II. Série
tecnologia I. Título II. Série

22-1930

CDD 302.24
CDU 316.77

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-653-7

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA	7
PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	19
1. OS ATRIBUTOS	33
2. OS REVESES	51
3. OS PLANOS	69
3.1 Relançar o projeto político	74
3.2 Mobilizar o fundo cultural comum	79
3.3 Revalorizar a informação e a comunicação	85
3.4 A Europa pós-digital	89
3.5 Redescobrir a história e a geopolítica	91
CONCLUSÃO	95
BIBLIOGRAFIA	107

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Qual o interesse deste livro? Mostrar a conexão entre duas revoluções: primeiro, a construção política da Europa que, em sessenta anos, passou de seis para nove, doze, vinte e oito, e agora vinte e sete Estados-membros, contando, hoje, com 450 milhões de habitantes. São povos que nem sempre se gostam, desconfiam uns dos outros e vivem disputas violentas há séculos. Tudo é feito para falhar e, no entanto, apesar dos regulares anúncios negativos, a Europa está sendo construída.

A segunda revolução é a da comunicação, mas uma concepção de comunicação muito diferente das GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft), da tecnologia, dos dados e da indústria digital. É uma comunicação que parte da realidade da incomunicação.

Essas duas revoluções reforçam-se mutuamente, de um lado, com o projeto político de paz e cooperação da maior utopia existente hoje; de outro, com a negociação como condição essencial para a construção dessa utopia.

Em resumo, sem essa nova concepção de comunicação, que insiste no papel da incomunicação, a utopia política da Europa não teria sido possível. Não é possível a invenção de um novo quadro político na Europa, sem uma nova concepção de comunicação, que não tem

muito a ver com “*com*”¹ e “manipulação”, mas com respeito pelo outro, aceitação da incomunicação e o papel essencial da negociação.

Paradoxalmente, é o reconhecimento do papel positivo da incomunicação e do reino da negociação que possibilita a construção dessa utopia política, onde qualquer decisão política requer o acordo dos vinte e sete Estados-membros. Em nenhum lugar do mundo existe tal sistema de tomada de decisão coletiva entre estados soberanos democráticos, onde os desacordos superam os acordos.

Seguem-se duas consequências. Em primeiro lugar, admitir que esse papel essencial de incomunicação nos obriga a repensar as *três dimensões que constituem a comunicação*: o compartilhamento e a intercompreensão, que são algo raro; a *incomunicação*, quando se trata de resolver desacordos através de negociação e convivência, algo muito frequente; a *acomunicação*, quando a negociação falha e só restam desacordos e rupturas, o que é frequente.

Ou seja, é uma teoria de comunicação que insiste no peso da incomunicação e da negociação. É uma concepção original da comunicação, na qual é preciso negociar constantemente um com o outro, e não impor uma visão de mundo. Uma comunicação que aceita a incompreensão e procura negociar a fim de conseguir a convivência.

A segunda consequência diz respeito à relação entre comunicação técnica e comunicação humana. Durante mais de um século, a primeira tem dominado por seu desempenho, sem melhorar substancialmente as condições gerais de intercompreensão. Apesar do imenso progresso técnico, a comunicação humana continua difícil. E apesar desses limites, essa comunicação humana continua sendo mais eficaz que a tecnológica. Podemos passar horas em redes sociais, mas o mais importante acontece quando nos encontramos e conversamos uns com os outros. É a comunicação humana que está no coração da paz e da guerra, não o desempenho de ferramentas e redes.

¹ Utiliza-se essa contração de comunicação não no sentido estrito do termo, mas para identificar o lado comercial da comunicação. Há um agenciamento classista e axiológico no eixo paradigmático entre “*com*” e comunicação. “*Com*” é mais utilizada para se referir às mídias, à publicidade, ao marketing etc. (N.T.) (Agradecimento ao Prof. Bernard DARRAS.)

Reabilitar a comunicação humana significa, portanto, reabilitar o papel humano na política e reduzir o papel do desempenho técnico. É reconhecer a dimensão essencial da negociação.

Em outras palavras, essa utopia política da Europa só pode ser construída em paralelo com a valorização dessa nova definição de comunicação, que reconhece o papel inevitável da incomunicação, a força da negociação e o horizonte normativo da convivência. É assim que essas duas utopias, europeia e comunicacional, se apoiam uma à outra. Se a comunicação técnica fascina por suas *performances*, não basta criar as condições para a intercompreensão. Somente a comunicação humana pode evitar conflitos. Aliás, são as pessoas que fazem a guerra, não as redes.

Este é o propósito deste livro: explicar essa outra teoria política de comunicação que insiste nos valores positivos da incomunicação e da negociação; entender que essa concepção é indispensável para o sucesso desse projeto político da Europa, único no mundo, um projeto tão original, enquanto se espera que outros projetos do mesmo tipo sejam desenvolvidos no mundo com a ajuda dessa concepção de comunicação em que a incomunicação, a negociação e a convivência têm seu lugar.

Talvez o mais importante seja reconhecer o papel decisivo da incomunicação na política e a possibilidade de conviver, pacificamente, sem necessariamente concordar. Perceber, finalmente, que a tecnologia nunca será suficiente para estabelecer a intercompreensão ou a convivência pacífica. Em resumo, a comunicação humana, apesar de todas as suas limitações, é mais eficaz do que a comunicação técnica, sobretudo para resolver a questão central do reconhecimento da alteridade e da natureza indispensável da negociação. Paradoxalmente, o atraso hoje é menos sobre a importância da invenção política da Europa do que sobre o reconhecimento do papel dessa nova concepção de comunicação. O problema não é reconhecer que existe incomunicação, isso se vê todos os dias, mas mostrar que essa incomunicação é a própria *condição* para outra construção política. A Europa não só mostra que não há política sem comunicação, mas que a política predominante consiste em administrar a incomunicação.

Cinco consequências que resultam dessa nova concepção de Europa e da comunicação são:

1. Em primeiro lugar, a Europa não é mais uma caricatura do capitalismo em que a comunicação é reduzida a “*com*” e a “*manipulação*”. Certamente, a Europa é capitalista e a “*com*” existe, mas o essencial não está aí, e sim na busca de uma nova forma política e de uma nova forma de comunicação, capazes de organizar pacificamente a coexistência de pontos de vista contraditórios. A Europa e a comunicação política também se referem ao mesmo nível de reflexão, menos ciência política do que antropologia. Existe a sociedade oficial, visível através das instituições, e existe um nível mais profundo, mais complexo que o das instituições, da mídia ou das pesquisas. Por exemplo, pode haver um voto eurofóbico ao observar, em nível antropológico, que, apesar desse voto hostil, ainda há apoio positivo para esse projeto. Uma vontade, uma demanda, em todo caso, um “desejo” de Europa. Presenciou-se isso durante a crise sanitária da Covid-19. Inicialmente, não havia uma política de saúde europeia. As pessoas reclamaram e os europeus, em um ano, a esboçaram. Hoje é um fato. É um belo resultado, levando em conta que se dizia que a Europa seria incapaz de agir!

Da mesma forma, a comunicação política da Europa é muito fraca, com poucos meios de comunicação europeus e uma visão excessivamente institucional que, no entanto, constrói lentamente a consciência política, por falta da incomunicação. Aqui, nos deparamos com dimensões mais antropológicas e mais contraditórias. A adesão à Europa mantém-se, apesar de todos os limites de uma concepção excessivamente tecnocrática e de fraca comunicação política. Esses dois limites não são suficientes para invalidar o projeto, porque ele continua a se desenvolver com base em imaginações e ambições, e não em instituições ou na existência de um esquema de comunicação clássico.

Esse é o “nível antropológico” que caracteriza a construção da Europa, acompanhada por uma força original de incomunicação. É essa dimensão que deve ser favorecida. É nessa escala que acontecem as grandes mudanças, geralmente bastante lentas.

2. Essa dimensão mais antropológica remete também a uma visão mais complicada da sociedade e da comunicação. Ilustra também *uma concepção inteligente do cidadão*, o qual, apesar das aparências, estereótipos e caricaturas, não é nem passivo nem manipulado pela sociedade, pelas instituições e pela mídia. O receptor é inteligente e complexo, sem esquecer o papel essencial do *contexto*. Além disso, a maioria das muitas propostas feitas neste livro, para reinventar a Europa, é antropológica e não institucional.

3. Essa complexidade da criação política – aqui a Europa – e da comunicação explica, também, a *superioridade da comunicação humana sobre a comunicação técnica*. A utopia política da Europa e a complexidade do modelo de comunicação que aí prevalece demonstram os limites da *performance* técnica. Ou melhor, todos nós veríamos novamente que a comunicação humana tem o mesmo desempenho que a comunicação técnica, ainda que, por natureza, essa comunicação técnica, tão sedutora, nunca consiga criar uma utopia política.

4. Quem diz haver superioridade da comunicação política e humana sobre a tecnologia afirma também o papel essencial *da comunicação sobre a informação*. Certamente, nada é possível sem a “revolução da informação”, mas o essencial continua sendo a comunicação, ou seja, a negociação entre pontos de vista contraditórios para evitar a anomia. Com essa dimensão antropológica da construção da Europa, relativizamos a atuação e a ideologia técnica vigente. Saímos da “sociedade técnica da informação” para redescobrir a realidade das incomunicações humanas e sociais.

5. A lembrança dessa preeminência humana em relação à racionalidade técnica remete a um risco essencial: na falta de acordo e negociação entre pontos de vista contraditórios, prevalecem a violência, a guerra e a incomunicação. Em outras palavras, ao enfatizar a importância da dimensão antropológica, lembramos a fragilidade da paz e a importância das seduções da guerra. O fracasso está sempre mais próximo do que o sucesso, especialmente no caso da inovação política, como na Europa. Não é com a Internet e a “revolução digital” que podemos construir melhor a Europa. Ao contrário,

é melhor aceitar essa concepção de comunicação reconhecendo o peso e o papel da incomunicação e da negociação, tudo para evitar falhas e rupturas de comunicação.

A construção política da Europa, num contexto da incomunicação, justifica, portanto, a busca de outra concepção de comunicação política. As duas vão de mãos dadas. O raciocínio desenvolvido sobre a utopia política e uma nova concepção de comunicação permanece válido para outras utopias políticas que surgirão no mundo. Não é só sobre a Europa! A mundialização econômica e ecológica nos obriga a inventar outras utopias políticas. De momento, a Europa é pioneira sem o saber claramente. O que acontece e se pensa na Europa será útil em outros lugares, de formas originais.

Mais do que nunca, esse conceito de “incomunicação política” precisa ser repensado. Assim como a Europa não pode ser feita apenas com tecnocratas, a comunicação não pode ser reduzida à purpurina, à “com”, à tecnologia, a estereótipos e ideologias da manipulação.

Os dois séculos de reflexão sobre o estatuto da democracia e o papel da comunicação devem ser completados. A utopia da Europa obriga-nos a repensar os conceitos de comunicação e de incomunicação, para pensar a política e a comunicação na era da mundialização.

Dominique Wolton